

AVALIAÇÃO ASSISTIDA COM PRÉ-ESCOLARES E SEU POTENCIAL DE USO PELA PSICOLOGIA ESCOLAR

Marina Campos da Silva (1)

Orientador: Prof^o Dr.^o Henrique Jorge Simões Bezerra (2)

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil

ninahcampos@hotmail.com

hjsimoes@yahoo.com.br

RESUMO: A Avaliação Assistida é uma modalidade de avaliação cognitiva que se caracteriza como um processo dinâmico e interativo. Seu procedimento de aplicação é capaz de avaliar habilidades cognitivas de domínio geral e específico, fornecendo medidas do potencial de aprendizagem revelado através da condição de assistência. Esta pesquisa teve como objetivo realizar uma revisão bibliográfica da produção científica em Avaliação Assistida com foco em crianças pré-escolares no Brasil. Para a análise foram criadas quatro categorias: público alvo; métodos de aplicação; instrumentos e procedimentos; principais resultados das pesquisas. Os resultados revelaram que as pesquisas sobre Avaliação Assistida com pré-escolares no Brasil têm como público-alvo principal crianças com Necessidades Educacionais Especiais. A maioria dos estudos utiliza o modelo de Avaliação Assistida Estruturado, sendo frequente também a utilização combinada de testes psicométricos. O instrumento mais utilizado com pré-escolares foi o Teste de Modificabilidade Cognitiva. Os estudos apontaram que a Avaliação Assistida permitiu revelar o desenvolvimento potencial, inclusive em crianças com Necessidades Educacionais Especiais, as quais, em geral, apresentaram níveis mais altos de desempenho cognitivo quando comparados aos resultados de avaliação psicométrica. Na medida em que a Avaliação Assistida viabiliza conhecer a trajetória de aprendizagem da criança, ela fornece recursos ao psicólogo escolar para intervir na emergência e manutenção da zona de desenvolvimento proximal, que se constitui como ponto-chave para construir ações que promovam o desenvolvimento da criança junto à comunidade escolar.

Palavras-chave: Avaliação Assistida, Educação Infantil, Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento, Psicologia Escolar Educacional.

1 INTRODUÇÃO

A avaliação assistida (AA) é uma proposta de avaliação que incorpora o ensino no processo e que atua de forma interativa e dinâmica. Este método inclui um examinador, que irá oferecer um suporte instrucional, temporário e ajustável ao desempenho do examinando, obtendo informações sobre seu potencial de aprendizagem (LINHARES, 1995; LINHARES, ESCOLANO & ENUMO, 2006). Há uma extensa literatura sobre a AA no Brasil que tem sido estudada, desde a década de 90, por autores localizados principalmente na região sudeste do país. Tais estudos contribuíram para o desenvolvimento de instrumentos de AA para

crianças com e sem dificuldade de aprendizagem, ampliando sua utilização em pesquisas com diferentes tipos de sujeitos e em diferentes contextos, inclusive pré-escolares (ENUMO, FERRÃO, MOTTA, MORAIS & LINHARES, 2006).

Para crianças em idade pré-escolar, seria mais adequado avaliar o potencial cognitivo do que apenas seu desempenho atual, visto que essas crianças estão em processo de desenvolvimento. A partir da avaliação do potencial de pré-escolares, é possível compreender os mecanismos e percursos metacognitivos utilizados por elas, possibilitando também a prevenção de problemas escolares relacionados a falta de recursos adequados para aprendizagem (TZURIEL, 2001; TURRINI, 2011).

Assim, o presente trabalho destaca a necessidade de outras alternativas de avaliação, particularmente aquelas embasadas na Psicologia Histórico-Cultural (FACCI, EIDT & TULESKI, 2006). Por este motivo, se faz necessária a investigação sobre a AA como um recurso auxiliar na avaliação de pré-escolares, que viabiliza ao psicólogo a elaboração de intervenções educacionais com as crianças e orientações melhor embasadas aos profissionais de educação.

Portanto, o objetivo geral deste estudo foi realizar um levantamento nacional das produções científicas acerca do uso da AA em crianças de até seis anos de idade. Para tanto tem-se como objetivos específicos: (1) definir e caracterizar a AA, identificar seus fundamentos teóricos e metodológicos; a partir do levantamento das produções sobre a AA com pré-escolares, (2) identificar instrumentos, procedimentos e metodologias aplicadas; e (3) discutir as implicações da utilização dessa modalidade de avaliação na prática do psicólogo.

1.1 Fundamentação Teórica

A AA é fundamentada na abordagem sócio-histórica do desenvolvimento cognitivo proposta por Vygotski (1991). Esta abordagem compreende que o desenvolvimento e a aprendizagem estão inter-relacionados de forma dinâmica, ou seja, a aprendizagem dispara o desenvolvimento, dessa forma, pode-se estabelecer uma relação entre estes fatores, a partir de dois níveis de desenvolvimento, o real e o potencial. O nível de desenvolvimento real se refere a tudo o que a criança já alcançou em termos de desenvolvimento, ou seja, tudo que ela já é capaz de fazer de forma independente. O nível de desenvolvimento potencial se refere ao que a criança é capaz de fazer com ajuda de um mediador: é este ponto que a AA pretende investigar. A distância entre o desenvolvimento real e o potencial é nomeada de zona de desenvolvimento proximal (ZDP), essa integra funções que estão em processo de maturação (VYGOTSKI, 1991).

Segundo Linhares, Maria, Escolano & Gera (1998), a ZDP provocou um grande impacto na compreensão de avaliação de crianças, permitindo uma maior precisão sobre a capacidade e potencial de aprendizagem, indicadores que a avaliação tradicional não é capaz de acessar, inclusive no caso de crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem (LINHARES, 1996).

Dessa forma, este conceito pode ser utilizado como um importante instrumento para psicólogos e professores na investigação do percurso do desenvolvimento da criança, ampliando as informações sobre os processos de aprendizagem e desenvolvimento (VYGOTSKI, 1991).

A caracterização da AA envolve quatro dimensões: *a interação, o método, o conteúdo e o foco*. A dimensão da interação está presente na relação de um indivíduo mais competente com outro menos competente, permitindo que ocorra a mediação da aprendizagem a partir da oferta de ajuda ao examinando (LINHARES, 1995).

O *método* da AA envolve o nível de regulação da ajuda e pode ser clínico ou estruturado. O método clínico, proposto por Feuerstein (LPDA- Learning Potencial Assessment Device), envolve intervenções de ajuda flexíveis, oferecidas livremente durante todo o processo de avaliação, O método estruturado instaura uma sistematização da ajuda, segmentando a avaliação em diversas fases, sem assistência e com assistência, (LINHARES, 1995; LINHARES et al. 2006).

Sobre o *conteúdo*, a AA pode avaliar habilidades de domínio geral cognitivo, envolvendo operações cognitivas e raciocínio, ou habilidades de domínio específico (LINHARES, 1995). Em relação ao *foco*, a AA pretende obter informações sobre como se deu o processo de aprendizagem, sua mudança a partir da fase de assistência e se houve manutenção e transferência desta aprendizagem para outras situações (LINHARES et al. 2006).

Na avaliação psicológica de crianças, os testes psicométricos são a principal ferramenta do psicólogo para mensuração de funções mentais, particularmente relacionadas ao desenvolvimento cognitivo, como apresenta o estudo de Oliveira et al. (2007) sobre avaliação psicológica no contexto escolar, que indica o uso mais acentuado dos testes psicométricos em relação a outros recursos.

Entretanto, diante das críticas que vem sendo feitas na atualidade sobre a limitação dos testes psicológicos tradicionais, alguns estudos (FACCI, TESSARO, LEAL, SILVA & ROMA, 2007) apontam que os psicólogos escolares têm buscado conciliar outras alternativas

ao uso de testes psicométricos que possibilitem avaliar o potencial de aprendizagem. Neste sentido, a AA surge como uma abordagem promissora na avaliação psicológica de crianças.

1.2 Avaliação Assistida como Ferramenta do Psicólogo Escolar Educacional

A avaliação psicológica no contexto escolar é uma das possibilidades de ação do psicólogo e deve visar a promoção do desenvolvimento infantil (FACCI et al., 2006). O psicólogo, na condução de um processo de avaliação, pautado nos pressupostos da psicologia Histórico-Cultural, além de levar em conta aspectos culturais, relacionais e institucionais, deve analisar prospectivamente noções e conceitos que estão no nível de desenvolvimento proximal da criança (FACCI et al., 2006; LESSA, 2014), identificando habilidades e características sociais e emocionais, assim como apoiar a equipe escolar na construção de um ambiente favorável ao desenvolvimento da criança, tanto em relação a prática pedagógica quanto ao clima psicológico (FLEITH, 2016).

Fleith (2016) elucida que alguns cuidados devem ser tomados na aplicação e interpretação de um teste psicológico, que deve ser flexível e dinâmico, apresentando como ilustração a proposta de AA de Linhares et al. (1998).

2 MÉTODO

O método utilizado nesta investigação foi a revisão bibliográfica. Realizou-se uma busca de artigos nas bases de dados Scielo, Pepsic, Periódicos Capes e LILACS, bem como no Google Acadêmico, a partir das seguintes palavras-chave: avaliação assistida, educação infantil, pré-escolares. As consultas incluíram o período de 2002 a 2017.

A primeira etapa de seleção das produções foi realizada mediante a leitura e a análise dos títulos e resumos de todos os artigos identificados, teve como critérios de inclusão: a. Publicação – artigos publicados em periódicos, pois são de maior divulgação e acesso; b. Idioma de publicação – artigos publicados na íntegra em língua portuguesa; c. Ano de Publicação – foram selecionados artigos publicados entre 2002 e 2017, totalizando um período de 16 anos (o período de tempo foi ampliado em razão do número reduzido de publicações encontradas sobre o tema); d. referências que tiveram pertinência com o tema da AA, em particular pesquisas realizadas com crianças de idade igual ou inferior a 6 anos. Como critérios de exclusão: a. Artigos não publicados; b. artigos de revisão; c. artigos publicados em outros idiomas.

Na segunda etapa, procedeu-se à leitura na íntegra dos estudos selecionados e, posteriormente, foram definidas as categorias de análise que, de acordo com a temática estudada, puderam delinear os conteúdos presentes nos estudos. Esta etapa permitiu identificar 4 categorias distintas: a) Público alvo; b) Métodos de aplicação; c) Instrumentos e procedimentos; d) Principais resultados das pesquisas. Em seguida procedeu-se a discussão dos dados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na base de dados Periódicos CAPES foi possível identificar o total de 2 artigos; na base de dados LILACS foram encontrados 6 artigos, destes, 3 foram selecionados. As bases de dados Scielo e Pepsic não apresentaram resultados de pesquisa. Como forma de ampliar a pesquisa, foi utilizado o Google Acadêmico, de onde foram selecionados 3 artigos. No total, foram separados 8 artigos para leitura na íntegra.

Oito periódicos científicos na área de Psicologia foram identificados, em cada periódico foi encontrado um artigo, apresentado a seguir com a indicação do ano da publicação: Revista Brasileira de Educação Especial (2013); Psicologia: Teoria e Pesquisa (2011); Psicologia: Teoria e Prática (2010); Paidéia: Ribeirão Preto (2011); Temas em Psicologia (2002); Psicologia: Reflexão e Crítica (2004); Interação em Psicologia (2006); e Psicologia em Revista (2014).

Os resultados e a discussões abaixo serão apresentados de forma a apontar os principais aspectos contidos nos artigos selecionados a partir de 4 categorias distintas: a) Público alvo; b) Métodos de aplicação; c) Instrumentos e procedimentos; d) Principais resultados das pesquisas.

3.1 O Público-Alvo da Avaliação Assistida

Os oito artigos encontrados apresentaram estudos de AA com vários tipos de sujeitos em idade pré-escolar, como crianças nascidas prematuras e com baixo peso (PTBP), crianças em situação de deficiência visual (SDV) e com dificuldades de aprendizagem (DA), ou crianças sem necessidades educativas especiais (NEE). Crianças prematuras e com baixo peso e crianças em situação de deficiência visual (SDV) formam os grupos que mais aparecem nas pesquisas encontradas com pré-escolares.

3.2 Métodos de Aplicação

Quanto às estratégias metodológicas de aplicação da AA, observa-se que o método estruturado é o recurso mais utilizado nos artigos encontrados, precisamente em sete dos oito artigos selecionados (CUNHA et al., 2011; ENUMO et al., 2002; FERREIRA & VECTORE, 2014; MOTTA et al., 2006; OLIVEIRA et al., 2011; QUEIROZ et al., 2013; TURRINI et al., 2010). O método de aplicação clínica de AA foi identificado em apenas um artigo (BATISTA et al., 2004).

3.3 Instrumentos e Procedimentos

Na verificação sobre os procedimentos de AA aplicados com pré-escolares foram identificados o “Jogo de Pergunta de Busca com Figuras Geométricas - PBF (LINHARES, 1996, 1998) e prova de exclusão de figuras geométricas (ENUMO & BATISTA, 2000; BATISTA, 2000), os instrumentos: “The Children’s Analogical Thinking of Modifiability Test” - CATM (TZURIEL & KLEIN, 1990), adaptado por Maria e Linhares (1999); e o Instrumento de Avaliação e Intervenção Dinâmica da Narrativa (MILLER, GILLAM & PEÑA, 2001) aplicado por Motta et al. (2006) e Ferreira e Vectore (2014).

3.3.1 Teste de Modificabilidade Cognitiva (CATM)

O teste de modificabilidade cognitiva Children's Analogical Thinking Modifiability - CATM (Tzuriel & Klein, 1990), foi o mais utilizado, especificamente em 4 dos 8 artigos encontrados (QUEIROZ et al., 2013; OLIVEIRA et al., 2011; TURRINI et al., 2010; CUNHA et al., 2011).

Esse instrumento não verbal é composto por várias atividades de resolução de problemas que exigem operações de raciocínio analógico, elaborado para crianças pré-escolares ou com NEE (Linhares et al., 1998). O CATM inclui 18 blocos coloridos e 32 itens de analogia organizados em fases: preliminar (PRE); sem ajuda (SAJ); assistência (ASS); manutenção (MAN); e transferência (TRF). O desempenho pode ser classificado em alto escore, ganhador, não mantenedor (LINHARES et al., 2006; MARIA & LINHARES, 1999).

3.3.2 Jogo de Perguntas de Busca com Figuras Geométricas

O Jogo de Perguntas de Busca com Figuras Geométricas (LINHARES, 1996), é composto por 20 cartões com oito figuras geométricas variando em cor, forma e tamanho e cartões brancos, a criança avaliada deve fazer perguntas para encontrar uma figura-alvo escolhida pelo avaliador. O procedimento inclui as fases: (SAJ) inicial sem ajuda, (ASS) fase de assistência e de (MAN) manutenção (LINHARES et al., 2006). Esse instrumento foi

utilizado em apenas um estudo, sendo aplicado em crianças de 6 a 10 anos, algumas destas frequentavam a pré-escola (QUEIROZ et al., 2013).

Esse procedimento de AA foi elaborado para crianças em idade escolar e avalia o potencial de aprendizagem da criança em tarefas que permitem desenvolver estratégias de resolução de problemas e raciocínio de exclusão de alternativas (LINHARES, 1995).

3.3.3 Prova de Exclusão de Figuras Geométricas

Esta prova, utilizada em apenas um estudo (ENUMO et al., 2002) de AA de crianças com deficiência visual, possui 21 pranchas com 3 figuras geométricas (triângulo, quadrado e círculo), esse material varia em tamanho (grande ou pequeno), cor e textura (vermelho crespo, amarelo liso e azul ondulado). As tarefas principais consistem em escolher uma figura que não combine com as outras da prancha e justificar sua escolha (Enumo & Batista, 2000; BATISTA, 2000).

A prova foi criada para avaliar habilidades cognitivas de pré-escolares, e possui quatro fases: pré treino (forma, cor, textura e tamanho) e exemplo de prancha, fase sem ajuda (SAJ), fase de assistência (ASS) e fase de manutenção (MAN) (ENUMO & BATISTA, 2000).

3.3.4 Instrumento de Avaliação e Intervenção Dinâmica da Narrativa

Em dois dos artigos encontrados (MOTTA et al., 2006; FERREIRA & VECTORE, 2014), foi utilizado o Instrumento de Avaliação e Intervenção dinâmica da Narrativa (MILLER E COLS, 2001), o qual é composto por duas histórias e um protocolo de registro da história. São avaliados neste instrumento os aspectos principais da narração de uma história: componentes da história, ideias e linguagem, e estrutura de episódio. Na aplicação do instrumento, a primeira história é apresentada, em seguida a criança é solicitada a contar uma história sobre o livro. No segundo momento ocorre a avaliação mediada, em que a criança recebe pistas para melhorar a habilidade narrativa de acordo com as necessidades observadas (MOTTA et al., 2006). Na última etapa, é pedido que a criança conte uma história sobre o segundo livro. O desempenho nas duas histórias é comparado, observando a modificabilidade da habilidade de narração e resposta a mediação (MOTTA et al., 2006).

3.4 Principais Resultados das Pesquisas

Os estudos demonstraram que a AA contribui para uma maior compreensão do funcionamento cognitivo e na melhora do desempenho das crianças após a ajuda, permitindo obter informações que vão além dos resultados de provas psicométricas tradicionais, pois a

mediação oferecida na fase de ajuda da AA permite identificar o potencial das crianças, revelando níveis mais altos de desempenho cognitivo (QUEIROZ et al., 2013; BATISTA et al., 2004; CUNHA et al., 2011), o que vai ao encontro de achados de outros autores que ressaltam a assistência na avaliação na promoção e indicação de níveis mais elevados de desempenho (GERA & LINHARES, 2006; LINHARES, 1995; MARIA & LINHARES, 1999; ENUMO, 2005; PAULA & ENUMO, 2007; FERRIOLLI et al., 2001; DIAS et al., 2011).

Em grupos homogêneos quanto a classificação psicométrica, foi possível identificar variações de desempenho intragrupo e diferenças individuais (CUNHA et al., 2011; QUEIROZ et al., 2013; BATISTA et al., 2004) confirmando achados de vários autores (GERA & LINHARES, 2006; LINHARES, 1995, 1998; MARIA & LINHARES, 1999; FERRIOLLI et al., 2001; DIAS & ENUMO, 2006; PAULA & ENUMO, 2007; DIAS et al., 2011), que observaram que diferenças individuais foram melhor identificadas por instrumento assistidos.

As pesquisas destacam que os comportamentos que surgem na interação entre mediador-criança durante a avaliação afetam o desempenho da criança (ENUMO et al., 2002; QUEIROZ et al., 2013; OLIVEIRA et al., 2011; TURRINI et al., 2010; BATISTA et al., 2004; CUNHA et al., 2011), como fatores não intelectuais e afetivo emocionais na prova assistida, portanto, o psicólogo deve estar atento a esses fatores e escolher instrumentos adequados às necessidades da criança. Em consonância com estudos na área, alguns autores (PAULA & ENUMO, 2007; FERRÃO, MORAIS, ENUMO, LINHARES & SOUSA, 2010; DIAS et al., 2011) apontam que comportamentos e fatores afetivos-motivacionais exigem do avaliador uma maior capacidade para identificá-los, tais estudos destacam que esses dados podem subsidiar a elaboração de estratégias que permitam uma maior motivação das crianças para aprender, pois a motivação ativa habilidades metacognitivas e outras funções cognitivas da aprendizagem.

Outro aspecto apontado por dois estudos (QUEIROZ et al., 2013; CUNHA et al., 2011) é que a situação de deficiência ou dificuldade de aprendizagem não impede um bom desempenho na prova, crianças com risco de problema de desenvolvimento, como crianças prematuras e com baixo peso, também conseguem alcançar um desempenho melhor, assim como crianças com deficiência visual, como indicam outros autores (GERA & LINHARES, 2006; DIAS et al., 2010), Na AA da narrativa de pré-escolares, Motta et al. (2006) e Ferreira e Vectore (2014), obtiveram resultados positivos, na análise da modificabilidade cognitiva, após a exposição das crianças a histórias e posterior suporte mediacional, destacando aquisições na eficiência do uso do vocabulário e ampliação do repertório cognitivo. Como indicam as pesquisas encontradas, foi possível perceber que a AA é adequada para trabalhar com diversos

sujeitos, inclusive com crianças em situação de deficiência, pois alguns instrumentos receberam adaptações para as necessidades desse público, o que permite uma maior preparação ao psicólogo escolar na AA de pré-escolares. Portanto, na medida em que a AA viabiliza conhecer a trajetória de aprendizagem da criança, ela fornece recursos ao psicólogo escolar para intervir no emergência e manutenção da ZDP, que se constitui como ponto-chave para construir ações que promovam o desenvolvimento da criança junto à comunidade escolar. Conforme a AA apresenta possibilidades de mudança, permitidas pela mediação cultural, também implica professores e demais profissionais nesse processo, com a conscientização destes sobre seu papel no desenvolvimento da criança, tornando a AA uma ferramenta que pode auxiliar o psicólogo na inclusão escolar (ENUMO, 2005).

O psicólogo escolar, na interpretação dos resultados de uma AA deve ser cauteloso, principalmente em relação a crianças pequenas, pois a presença de questões não intelectuais, afetivo motivacionais e diferenças de desempenho devem ser consideradas como informações importantes para a elaboração de ações preventivas, tendo em vista o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

4 CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos destacados nas pesquisas com AA de pré-escolares, considera-se esta modalidade relevante para compreender o funcionamento cognitivo e potencial da criança complementando o processo de avaliação e se apresenta como ferramenta acessível para diversos tipos de populações, independente da presença ou ausência de NEE.

Os estudos apresentaram o valor prescritivo da AA, que pode ser utilizada para planejar e direcionar intervenções que promovam o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, favorecendo uma visão positiva do desenvolvimento infantil pelo professor e uma mediação mais eficaz, ou seja, benéfica à criança, ao professor e ao planejamento escolar (DIAS & ENUMO, 2006; PAULA & ENUMO, 2007; DIAS et al., 2011; CUNHA et al., 2011). Portanto, essa modalidade pode ser apontada como uma possibilidade para a atuação do psicólogo escolar no processo de avaliação psicoeducacional. A perspectiva sócio-histórica de Vygotsky, considerando a relação dinâmica entre aprendizagem e desenvolvimento e destacando o papel da mediação, coloca a avaliação da criança em um patamar social e relacional, não apenas individual, sendo, portanto, fundamental ampliar as informações sobre as mudanças no desempenho e nos instrumentos utilizados pela criança, desvendando seu nível de desenvolvimento potencial.

Pode-se verificar a relevância da realização de um estudo de revisão da literatura, pois permitiu um panorama geral da produção científica sobre AA de pré-escolares. Sendo assim, pode-se apontar para a necessidade de realizar levantamentos e revisões da literatura em outros idiomas, com a finalidade de ampliar os resultados. Esse estudo também tem como motivação, estimular a realização de mais pesquisas sobre a AA considerando o grupo de crianças de até 6 anos de idade.

REFERÊNCIAS

BATISTA, C. G. (2000). Avaliação assistida do desenvolvimento de crianças com deficiência visual [Resumo]. In: R. S. L. GUZZO (Org.) *VIII Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico*. Resumos (p. 34-35). SerraNegra: ANPEPP.

BATISTA, C. G., NUNES, S. S., & HORINO, L. E. (2004). Avaliação assistida de habilidades cognitivas em crianças com deficiência visual e com dificuldades de aprendizagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 381-393.

CUNHA, A. C. B., ENUMO, S. R. F., & CANAL, C. P. P.(2011). Avaliação cognitiva psicométrica e assistida de crianças com baixa visão moderada. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 21(48), 29-39.

DIAS, T. L., & ENUMO, S. R. F. (2006). Criatividade e dificuldade de aprendizagem: avaliação com procedimentos tradicional e assistido. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(1), 69-78.

DIAS, T. L., ENUMO, S. R. F., & CUNHA, A.C. B. (2010). Avaliação cognitiva por provas assistida em crianças com necessidades educativas especiais. *Psicologia em revista*, 16(3), 594-612.

DIAS, T. L., FERRÃO, E. S., ENUMO, S. R. F. & PAULA, K.M. P. (2011). Avaliação assistida em crianças com problemas de comunicação e de aprendizagem em contexto de intervenção. *Psico*, 42(3), 362-371.

ENUMO, S. R. F. (2005). Avaliação assistida para crianças com necessidades educacionais especiais: um recurso auxiliar na inclusão escolar. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 11(3), 335-354.

ENUMO, S. R. F., & BATISTA, C. G. (2000). Evaluation of cognitive abilities of visually impaired children. In: C. STUEN, A. ARDITI, A.HOROWITZ, M. A. LANG, B. ROSENTHAL & K. R. Seidman. *Vision rehabilitation: Assessment, intervention and outcomes*(p. 379-381). NewYork: Swets e Seitlinger Publishers.

ENUMO, S. R. F., CUNHA, A. C. B., PAULA, K. M. P., & DIAS, T. L. (2002). Comportamentos do mediador e da criança com deficiência visual na avaliação assistida de habilidades cognitivas. *Temas em Psicologia*, 10(1), 71-84.

ENUMO, S. R. F., FERRÃO, E.S., MOTTA, A. B. MORAES, E. O., LINHARES, M. B. M. (2006). Um panorama das pesquisas sobre avaliação assistida no Brasil. *Psicologia e educação*, 5(2), 7-23.

FACCI, M. G., EIDT, N. M., & TULESKI, S. C. (2006). Contribuições da teoria histórico-cultural para o processo de avaliação psicoeducacional. *Psicologia USP*, 17(1), 99-124.

FACCI, M. G. D., TESSARO, N. S., LEAL, Z. F. R. G., SILVA, V. G., & ROMA, C. G. (2007). Psicologia histórico-cultural e avaliação psicológica: o processo ensino aprendizagem em questão. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11(2), 323-338.

FERRÃO, E. S., MORAES, E. O., ENUMO, S. R. F., LINHARES, M. B. M., & SOUSA, G. P. (2010). Comportamentos afetivo-motivacionais durante avaliação assistida por crianças com dificuldades de aprendizagem: uma proposta de categorização. *Interação em psicologia*, 14(2), 151-162.

FERREIRA, J. M., & VECTORE, C. (2014). Contos de fada e intervenção mediacional: a construção de repertórios cognitivos para narrativas. *Psicologia em Revista*, 20(1), 155-176.

FERRIOLLI, S. H. T., LINHARES, M. B. M., LOUREIRO, S. R. & MARTURANO, E. M. (2001). Indicadores de potencial de aprendizagem obtidos através da avaliação assistida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 35-43.

FLEITH, D. S. (2016) Avaliação psicológica no contexto escolar: Implicações para a atuação do psicólogo escolar. In: M. V. DAZZANI & V. L. T. SOUZA (Org.). *Psicologia escolar crítica: Teoria e prática nos contextos educacionais* (1,161-172). Campinas: Alínea.

GERA, A. A. S., & LINHARES, M. B. M. (2006). Avaliação cognitiva assistida: estratégias de perguntas de busca de informação na resolução de problemas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(1), 74-82.

LESSA, P. V. (2014). *O processo de escolarização e a constituição das funções psicológicas superiores: subsídios para uma prática proposta de avaliação psicológica* (Tese de doutorado não publicada). Instituto de psicologia da universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

LINHARES, M. B. M. (1995). Avaliação Assistida: Fundamentos, Definição, Características e Implicações para a Avaliação Psicológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11(1), 023-031.

LINHARES, M. B. M. (1996). Avaliação assistida em crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem. *Temas em Psicologia*, 4(1), 17-32.

LINHARES, M. B. M, MARIA, M. R. S, ESCOLANO, A. C. M, & GERA, A. A. S. (1998). Avaliação assistida: uma abordagem promissora na avaliação cognitiva de crianças. *Temas em Psicologia*, 6(3), 231-254.

LINHARES, M. B. M, ESCOLANO, A. C. M, & ENUMO, S. R. F.(2006). *Avaliação assistida: Fundamentos, Procedimentos, e Aplicabilidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MARIA, M. R. S, & LINHARES, M. B. M. (1999). Avaliação cognitiva assistida de crianças com indicações de dificuldades de aprendizagem escolar e deficiência mental leve. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(2),395-417.

MILLER, L., GILLAM, R. B., & PEÑA, E. D. (2001). *Dynamic assessment and intervention: improving children's narrative abilities*. Austin: Proed.

MOTTA, A. B., ENUMO, S. R. F., RODRIGUES, M. M. P., & LEITE, L. (2006). Contar histórias: uma proposta de avaliação assistida da narrativa infantil. *Interação em psicologia*, 10(1), 157-167.

OLIVEIRA, C. G. T., ENUMO, S. R. F., QUEIROZ, S. S., & AZEVEDO JR, R. R. (2011). Indicadores cognitivos, lingüísticos, comportamentais e acadêmicos de pré-escolares nascidos pré-termo e a termo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(3), 283-290.

OLIVEIRA, K. L., SANTOS, A. A. A., NORONHA, A. P. P., BORUCHOVITCH, E., CUNHA, C. A., BARDAGI, M. P., & DOMINGUES, S. F. S. (2007). Produção científica em avaliação psicológica no contexto escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11(2), 239-251.

PAULA, K. M. P., & ENUMO, S. R. F. (2007). Avaliação assistida e comunicação alternativa: procedimentos para a educação inclusiva. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 13(1), 3-26.

QUEIROZ, O. A., PRIMI, R., ENUMO, S. R. F. (2013). Desempenho de crianças com e sem necessidades especiais em provas assistidas e psicométricas. *Revista brasileira de educação especial*, 19(3), 425-446.

TURRINI, F. A. (2011). *Comportamentos afetivo-motivacionais e de autorregulação em pré-escolares nascidos prematuros e com baixo peso: Avaliação e intervenção em estratégias metacognitivas* (Tese de doutorado não publicada). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES.

TURRINI, F. A., ENUMO, S. R. F., FERRÃO, E. S., & MONTEIRO, R. N. (2010). Comportamentos afetivo-motivacionais durante prova assistida diferenciam pré-escolares nascidos prematuros e com baixo peso dos nascidos a termo. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(2), 158-172.

TZURIEL, D. (2001). Dynamic assessment of young children. In D. Tzuriel. *Dynamic Assessment of Young Children: Educational and Intervention Perspectives*. New York, Kluwer: Academic Plenum Publishers.

TZURIEL, D., & KLEIN, P. S. (1990). *The Children's Analogical Thinking Modifiability Test: Instruction manual*. RamatGan, Israel: School of Education Bar Ilan University.

VYGOTSKI, L. S. (1991). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.